

# REDES SOCIAIS E ESCOLA: O QUE TEMOS A APRENDER?

Eliete Jussara Nogueira<sup>1</sup>

Luiz Fernando Gomes<sup>2</sup>

Maria Lúcia de Amorim Soares<sup>3</sup>

Da sociedade que descobre a rede  
para a sociedade que se descobre rede

David de Ugarte<sup>4</sup>

## RESUMO

Este artigo argumenta, a partir de uma breve retomada destes estudos, que as redes sociais têm ampliado os conceitos de cidade educadora e da aprendizagem não-formal, na sociedade-rede. Com base nas ideias de Franco, Lemke, Warschauer, Recuero e Freire, entre outros, aponta que a escola teria muito a ganhar se procurasse incluir em seu cotidiano algumas práticas pedagógicas e usos da linguagem que auxiliassem os estudantes a tornarem-se parte integrante das suas comunidades de aprendizagem e de sua cultura.

Palavras-chave: redes sociais; contracultura; cotidiano escolar.

## INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que vivemos cada vez mais numa sociedade conectada pelas redes de comunicação e de informação. Com a internet móvel dos telefones celulares e computadores, tornamo-nos os nós da rede, configuramos e reconfiguramos a web. As ferramentas da chamada *Web.20* (*Blog, Orkut, Facebook, Flickr, Twitter, etc.*) permitem aos usuários deixar de ser apenas consumidores de informação, para também produzi-la. As pessoas hoje escrevem,

---

1 Doutora em Psicologia pela Universidade de Campinas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. eliete.nogueira@prof.uniso.br

2 Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. luiz.gomes@prof.uniso.br

3 Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba. maria.soares@prof.uniso.br

4 David de Ugarte – Economista Espanhol, membro da Escola-de-Redes. A epígrafe é um dos sub-títulos de seu artigo: Itinerários de Leituras Fundamentais 1. Ugarte (2008), disponível no site da Escola-de-Redes.

fotografam, filmam, compõem textos com imagens, áudio e vídeo e compartilham suas produções, às vezes sem o menor pudor ou com valores estéticos duvidosos, sem se importar muito com isso: estão mais interessadas na manutenção de suas redes de relacionamento, na expressão de seus pensamentos, ideias e sentimentos. Enfim, as pessoas fazem, hoje, os mais variados usos sociais da escrita no meio digital e extrapolam as propostas, mesmo as mais arrojadas, das aulas de redação e leitura das escolas.

As afinidades entre as pessoas e as trocas de informações em certos sites de relacionamento acabam levando à formação de comunidades de prática, nas quais os participantes ensinam e aprendem uns com os outros. Os conhecimentos assim adquiridos, mesmo não sendo necessariamente os escolares, integram-se à bagagem cultural dos alunos, embora não costumem ser valorizados pelos professores ou pela escola; ao contrário, há até um certo estigma sobre o “excesso” de tempo que os jovens passam na internet.

Mas, se a escola ainda hoje resiste ou vacila quanto à incorporação dessas novas práticas de escrita e de relacionamento em seu cotidiano, pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e de várias faixas etárias, especialmente jovens em idade escolar, acessam a internet cada vez mais. Em 2011, eram 81,3 milhões de internautas com 12 anos ou mais (Fonte: F/NAZCA). No meio digital, os alunos acabam produzindo gêneros textuais não privilegiados na escola, utilizando, em algumas situações, formas de escrita não convencionais e linguagens não escolarizadas, como a audiovisual.

Os usos das redes sociais são significativos para seus participantes, pois podem “incluir-se” nas comunidades que lhes interessar, pelo tempo que lhes convier e participar da maneira que quiserem ou que for possível. São novas formas de aprender e de ser. Muitas vezes, os objetivos para participação nas redes são exclusivamente individualistas, mas podem também ser altruístas, visando ao bem de todos ou de determinadas comunidades.

O ser humano é gregário e aprende em sua relação com o outro e com o meio. As redes digitais de relacionamento têm permitido e potencializado novas formas de ser e de estar no mundo, de ensinar e de aprender. Aprende-se em todos os lugares e, nesse sentido, podemos mesmo dizer que há uma escola fora da escola. Vejamos, a seguir, com mais clareza, em que sentido fazemos essa afirmação.

## **DEFININDO REDES SOCIAIS**

Embora o conceito de rede social (do inglês *social network*) tenha saído primeiramente definido em 1994, por Wasserman & Faust (apud VALENTIM, 2008), como um ou mais conjuntos finitos de atores (nós) e eventos e das relações e interações (laços) sociais estabelecidas entre eles, seus significados têm evoluído nos últimos anos. Franco, um dos principais estudiosos sobre as redes sociais e suas relações com a educação, em seu texto *Buscadores e Polinizadores* (2010a), alerta para o fato de que o que constitui as redes são as ações; ele enfatiza que as redes são ambientes de interação, não apenas de participação. Recuero (2009), por sua vez, lembra que os atores sociais que utilizam as redes é que são as redes. As redes somos nós. Reforçando o papel dos atores, Recuero diferencia redes sociais de sites de redes sociais. Para ela, “embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais”.

O termo rede como metáfora para expressar as relações entre seus atores foi inicialmente utilizado pelo matemático suíço Leonhard Euler em 1736. Hoje a estrutura de grafos (redes) nos é útil pois ajuda a representar a complexidade das nossas relações sociais.

Na educação, uma das primeiras referências sobre modelos de rede foi feita pelo educador austríaco Ivan Illich (1970), em sua famosa obra “*Sociedade sem Escolas*”, onde preconizava a rede mundial de computadores através da qual os alunos poderiam acessar a informação de que necessitassem, sem que dependessem do professor.

Posteriormente, outros estudos vieram ampliando as noções de rede, como nos revela Siemens (2008). Entre os sociólogos, Wellman, publicou em 1978 o livro *Nação Rede*, no qual discutia o papel da comunicação mediada como um agente transformador da sociedade. Em 2001, Wellman introduziu o conceito de “individualismo conectado” referindo-se ao uso que as pessoas fazem das redes para obter informações, colaboração, serviços e apoio para si mesmas, além da busca da sociabilidade e do sentido de pertencimento. Castells em 1999 e Watts, em 2003, ambos sociólogos, contribuíram para popularizar as visões de redes de interação, comunicação e organização social através das obras clássicas, respectivamente, “*A sociedade em rede*” e “*Seis Degraus: a ciência de uma era conectada*”.

Na Física, talvez a contribuição mais importante seja a de Albert-László Barabási, com seu livro "Conectado: a nova ciência das redes", de 2002. Para o autor, aliás, as redes estão em toda parte, só nos resta percebê-las.

Com a metáfora das redes sendo cada vez mais utilizada na educação, não tardaram surgir novas propostas de teorização sobre aprendizagem e construção de conhecimentos em rede. Salomon (1993, apud SIEMENS, 2008) aborda a cognição e o conhecimento distribuído. Para o autor, a cognição que ocorre "em conjunto ou em parceria com outros" é tributária da teoria vygostkyana sobre a cognição como produto de um determinado contexto ou ambiente social, do uso do computador para auxiliar na atividade intelectual, e da insuficiência de se limitar a cognição apenas "na cabeça" das pessoas ou, como explicam Cole & Engeström, (1993, p.15, apud SIEMENS, 2008) a cognição é fruto das interações diárias entre pessoas e ela é, portanto, socialmente distribuída.

Caminhando nas discussões sobre as redes e a educação, Araújo (1998, apud SIEMENS, 2008) advoga a ideia de que a aprendizagem e o conhecimento residem em "redes heterogêneas de relacionamentos entre o mundo social e material" (ARAÚJO, p.317, apud SIEMENS, 2008, p.6). E, para Siemens (op.cit., loc.cit.), para que os indivíduos tenham acesso ao conhecimento de uma determinada sociedade ou cultura, as ligações devem ser formadas através do uso de artefatos de mediação, como a tecnologia ou as artes, por exemplo.

As empresas de tecnologia não tardaram a perceber o potencial comercial das redes sociais e logo começaram a lançar recursos e serviços, como por exemplo, o *MySpace* (2003), o *Orkut* (2004), o *Flickr* (2004) e o *Facebook* (2004). Hoje há um grande número dessas ferramentas de socialização. De acordo com Siemens, a partir de 2005, as definições de redes (sociais) de aprendizagem começaram a dar mais ênfase nas pessoas, reconhecendo, porém as duas dimensões: técnica e humana e considerando a tecnologia como tendo dupla função: armazenar e conectar informações e possibilitar a manutenção das redes sociais. (VEEN & VRAKING, 2006, apud SIEMENS, 2008). As redes são, portanto, também um meio pelo qual o conhecimento é distribuído.

Atualmente, na denominada por Siemens como a quinta etapa das redes,

os educadores estão começando a explorar a forma como modelos de rede podem ajudar não só a aprendizagem colaborativa em ambientes on-line e combinados, mas em redes de aprendizado móvel e universal (*pervasive mobile learning*) (RENNIE & MASON, 2004, p. 109), para a determinação de estruturas de rede social a partir da análise de fóruns de discussão (GRUZD & HAYTHORNTHWAITE, 2008) e para conversas de comunidades on-line (HAYTHORNTHWAITE & GRUZD, 2007). Educadores que procuram compreender como os alunos interagem uns com os outros por meio de fóruns on-line, e-mails ou redes de blogs, podem invocar os princípios de análise de rede desenvolvidos por sociólogos. Da mesma forma, educadores podem usar análise de dados ou ferramentas de visualização para avaliar a qualidade das interações dos aprendizes uns com os outros e com os conceitos-chave de um determinado curso. (SIEMENS, 2008, pp. 7,8)

É importante notar que vimos evoluído nosso conceito de web, (a World Wide Web), pois passamos da ideia de computadores conectados (ideia predominante da chamada Web 1.0) para a noção de pessoas (atores) conectadas e mais ainda, para comunidades conectadas em rede (a partir do advento da Web 2.0, em 2005). Vejamos essa ideia nos três diagramas elaborados em 1964 por Paul Baran:

### Diagramas de Paul Baran (FRANCO, 2008)

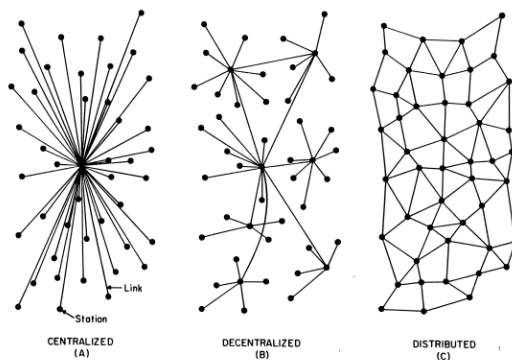


FIG. 1 – Centralized, Decentralized and Distributed Networks

Observemos que os três modelos de rede acima bem que poderiam representar tipos de hipertextos (GOMES, 2010), mas representam, neste caso, conexões de pessoas em redes. A implicação mais direta, cuja discussão foge ao escopo do presente trabalho, é que se os links hipertextuais, conforme vemos nos sites de redes sociais (*Orkut, Facebook, MySpace, Twitter, etc.*) conectam além de textos/documentos, pessoas e comunidades, eles tornam-se elementos centrais não apenas no hipertexto (GOMES, 2010), mas são também centrais na formação e manutenção de redes sociais. De fato, como explica Recuero (2009, p.105), “redes sociais também podem ser construídas através de comentários e dos links”. Nesse caso, talvez os estudos sobre o hipertexto possam ampliar seu escopo, averiguando como links de comentários, de “curtir”, “compartilhar” e outros tantos tipos de que conectam sites de relacionamento entre si promovem não apenas novas possibilidades de leitura hipertextual, mas a constituição e a manutenção de redes sociais.

## NOVOS USOS DA ESCRITA

De uma *Web 1.0*, predominantemente empresarial, não interativa, que permitia apenas ao consumo de informação quase que exclusivamente textual (a imagem é um “luxo” que se podia descartar para ler “apenas” o texto) e que acabou numa bolha econômica, passamos, a partir de 2005, para a *Web 2.0*, com novíssimas possibilidades de interação, que permitem não apenas consumo, mas também – ou principalmente – produção de textos, agora textos feitos de imagens, textos audiovisuais, textos com links e textos com palavras e imagens.

O compartilhamento de informações, o falar de si, o desejo de visibilidade e a disponibilidade de sons, imagens e vídeos, dentre outras razões propiciaram novos usos da escrita nas quais, muitas vezes, a imagem passa a ter função central na construção dos sentidos (e não mais periférica, como simples ilustração), como vemos nos *fotologs* e no *Youtube*, para citar os mais comuns. A imagem ganhou uma importância que antes não tinha. Os *blogs* são combinações verbovisuais; o *Twitter* recentemente começou a permitir a incorporação de imagens aos 140 caracteres tradicionais, o *Flickr*, com suas diferentes seções está ajudando a criar uma nova cultura visual, tirando a

imagem de seu patamar artístico e trazendo-a para o cotidiano, "vulgarizando-a" e popularizando-a como uma forma de expressão, uma forma de escrita.

Considerando, portanto a escrita multimodal, o uso de imagens em *photoblogs* e no *Flickr* e os audiovisuais (chamados apenas de vídeos) no *Youtube* e do *Vimeo*, por exemplo, como as formas atuais de escrita, voltamos à escola e nos perguntamos sobre seu papel nisso tudo. A escola ainda é logocêntrica, voltada no mais das vezes para a leitura e produção de gêneros textuais os quais têm baixa ou nenhuma circulação na internet, como as tradicionais "redações" ou que não são utilizados para a criação e manutenção das redes sociais e para a interação em comunidades de prática, onde as pessoas se dedicam a atividades similares e aprendem umas com as outras no processo.

### **IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS NA ESCOLA**

Diferentes modos de aprender e de se relacionar com o conhecimento têm surgido a partir das comunidades de prática e das redes sociais. Com elas, emergem a necessidade de novos letramentos e de formas outras construção de conhecimento. Lidar com essas necessidades tem sido um desafio para escola.

Partindo da ideia da inteligência coletiva proposta por Lévy (1998) e do hipertexto como uma forma de produção e disseminação de conhecimento nas redes sociais, a escola precisaria proporcionar novos letramentos, aqueles que surgem coletivamente e que envolvem habilidades sociais desenvolvidas através da colaboração e do trabalho em rede e que possibilitam às pessoas resolver problemas coletivamente (JENKINS, 2007).

Tal mudança de foco é reforçada por Siemens (2008, p.1) quando alerta para o fato de que "a aprendizagem informal é um aspecto significativo de nossa experiência de aprendizagem." Segundo ele, a educação formal não mais cobre a maior parte de nossa aprendizagem, pois ela ocorre de várias maneiras: através de comunidades de prática, redes pessoais e através da conclusão de tarefas relacionadas ao trabalho. Neste último caso, por exemplo, entendemos que os estudantes cada vez mais são trabalhadores que estudam (e não mais alunos que trabalham) e que aprendem também com seu exercício profissional.

**Assim, o desafio da escola seria:**

elaborar e testar metodologias compatíveis com processos de inteligência coletiva ("*learn from your neighbours*" - Steve Johnson; "*I store my knowledge in my friends*" - Karen Stephenson), baseadas na idéia de cidade educadora (reconceitualizada como cidade-rede de comunidades que aprendem)<sup>5</sup>. (FRANCO, 2010a, p.16)

Ampliando a discussão e contribuindo para o entendimento dos novos letramentos como coletivos e não individuais, o mesmo autor (FRANCO, 2010a, p.3) destaca que "o que de tão importante se descobriu nos últimos anos é que, em última instância, quem é educadora é a sociedade, a cidade, a localidade onde as pessoas vivem e se relacionam". Ou, segundo um dito popular utilizado por Lemke (2002), "é necessário uma cidade para se educar uma criança"

Franco vai além propondo que "os sistemas educativos devem ser, sempre, sistemas sócio-educativos configurados em localidades, em sócio-territorialidades, quer dizer, em redes sociais que se conformam como comunidades compartilhando agendas de aprendizagem". (FRANCO, 2010a, p.3). Para o autor, a manutenção da escola centralizada no professor, no currículo organizado por outrem e na autoridade, ocorre em função da manutenção do poder, pois, segundo ele "aprender sem ser ensinado é subversivo". O autor reforça seu argumento com um *twitter* de Pierre Lévy: "as universidades não têm mais o monopólio da distribuição do conhecimento, mas retêm em suas mãos o monopólio da distribuição do diploma". (FRANCO, 2010a, p.5)

Mas não seria esse o lugar reservado para a escola em nossos dias, acreditar certificados e distribuir diplomas. Nossa perspectiva é que a escola precisa dialogar mais com a sociedade e com as comunidades onde se insere. Reforçando a visão social, comunitária da aprendizagem e da escola, Lemke, em seu trabalho *Re-engineering education in America* (2002) distingue educação de escolarização (*schooling*) ao afirmar que enquanto a primeira é o que uma comunidade faz para promover o aprendizado e a compreensão

<sup>5</sup> Em tradução livre, as duas máximas podem ser entendidas como: "Eu aprendo com meus amigos" e "Eu guardo meu conhecimento na cabeça dos meus amigos."



de seus valores, a escolarização é uma “tecnologia” particular para promover a educação numa comunidade. Essa tecnologia, ou seja, o modo como se utilizam os recursos tecnológicos (caneta, televisão, computador, etc.) segundo ele, é muito antigo e disfuncional. O autor fala sobre uma necessária reengenharia da educação que se daria em função de respostas para duas necessidades: (1) necessidade de entender melhor como ajudar o aluno a integrar e combinar a aprendizagem por meio de diferentes modos e situações; (2) necessidade de entender melhor como as instituições escolares devem mudar para não serem substituídas.

Percebe-se que a escola nos dias atuais está sendo desafiada a compreender o mundo complexo e caótico das relações humanas no trabalho e na educação e a se reinventar, para continuar mantendo sua importância que vai além da acreditação e da distribuição de diplomas.

Franco, um dos criadores do Escola-de-Redes<sup>6</sup>, tem uma visão mais radical sobre a escola como a entendemos hoje: para ele,

a escola que já se prefigura no final desse trajeto é uma não-escola. A escola é a rede. Nela, todos seremos autodidatas. Em uma sociedade conectada quem organiza o conhecimento é quem o busca. Isto é, não são currículos, professores, escolas, ou leis; são as necessidades de aprendizagem dos indivíduos. (FRANCO, 2010a, p.6)

Para esse autor, a escola perde cada vez mais sua importância, pois suas relações de poder e disciplinamento não coadunam com a liberdade e a autonomia propiciadas pelas redes sociais.

Para aquela mencionada oportunidade de sobrevivência da escola, que seria a avaliação e a acreditação ou diplomação dos alunos, Franco também oferece uma alternativa:

[...]as avaliações de aprendizagem serão feitas diretamente pelos interessados em se associar ou em contratar (lato sensu) uma pessoa. Redes de especialistas de uma área ou setor continuarão avaliando os especialistas da sua área ou setor. Mas

---

6 “uma rede de pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais e à criação e transferência de tecnologias de netweaving” como informa o site <http://www.escoladeredes.ning.br>

essa avaliação será cada vez horizontal. E, além disso, pessoas avaliarão outras pessoas a partir do exame das suas expressões de vida e conhecimento, pois que tudo isso estará disponível, será de domínio público e não ficará mais guardado por uma corporação que tem autorização para acessar e licença oficial para interpretar tais dados. (FRANCO, 2010a, p.11 )

Em outras palavras, para o autor, quem avaliaria e quem validaria os conhecimentos não seria mais a instituição escolar, mas a comunidade e os pares. Para ampliar a proposta, Franco preconiza que cada pessoa tenha sua própria wikipédia e que os interessados passariam a verificar diretamente a wikipédia de cada um (a que preferimos chamar pelo neologismo mimkipédia), onde poderiam ser consultados “os pontos de vista, as referências, os trabalhos e as conclusões sobre os assuntos da sua esfera de conhecimento e de atuação. Quem gostar do que viu, que contrate ou se associe ao autor daquela wikipédia”. (FRANCO, 2010a, p.11). Dessa forma, a sociedade em rede produziria suas próprias competências.

Isso nos leva de volta ao pensamento de Ivan Illich, nos anos 1970, para quem sociedades em que as redes são as escolas serão sociedades desescolarizadas. A sociedade desescolarizada, de Illich, poderia ser renomeada como sociedade-escola, ou mais precisamente ainda, “[a sociedade] das comunidades educadoras que se formam na sociedade-rede.” (FRANCO, 2010a, p.18). Na verdade, para, Franco (Idem, p19) as cidades é que são educadoras, mas desde que o ambiente seja favorável à interação educadora<sup>7</sup>. Quem educa, de fato, são as redes sociais que compõem o “tecido urbano”, que promovem e interações educativas entre as pessoas conectadas nessas redes.

Em termos macroestruturais, as mudanças são necessárias, mas não acontecerão da noite para o dia, pelo contrário, a instituição escolar tende a ser conservadora e as “inovações” muitas vezes surgem atrasadas, desconexas e não acompanhadas da necessária formação dos professores. De fato, subverter verdades canônicas

---

7 Sorocaba, cidade onde moramos, está integrada ao projeto Cidade Educadora, que é uma ideia iniciada em 1990, no I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, em Barcelona, Espanha. Os interesses do movimento da cidade educadora são bastante amplos e complexos, e o fato de Sorocaba pertencer a esse movimento não implica dizer que as ideias e os ideais da educação e da escola discutidos nesse trabalho estejam sendo praticados.

não é tarefa fácil. A descentralização do currículo, o empoderamento dos alunos e das comunidades altera as relações entre alunos e professores. Esta passa a ser baseada na colaboração e na co-construção do conhecimento, ou seja, horizontaliza-se e, nesse caso, coloca em discussão a especialidade do conhecimento dos atores. As comunidades de prática, ou seja, as “redes de pessoas dedicadas a atividades similares, que aprendem umas com as outras no processo” (WARSCHAUER, 2006, p.166) ganha relevância. A formação dessas comunidades e a colaboração entre seus participantes podem se dar tanto face-a-face como a distância. Sendo assim, a Educação a Distância também não seguiria os modelos que procuram reproduzir em ambientes virtuais fechados (*Moodle, TelEduc, etc.*), práticas muito semelhantes às da sala de aula tradicional. Essas práticas, apesar de parecerem inovadoras, são, de fato, o contrário da educação que discutimos aqui, embora, paradoxalmente, a EaD possa ser vista como uma escola fora da escola também.

Temos que procurar alternativas. A instituição escolar precisa manter seu papel de disseminadora formal dos conhecimentos a todos, já que esse é o papel que a sociedade lhe incumbe. Ela precisa aprender com a comunidade e integrar-se a ela. Warschauer (2006, pp.170-172), por exemplo, apresenta duas propostas de abordagem social da educação, baseadas em experiências concretas, que podem nos apontar caminhos. A primeira, chamada de aprendizado localizado, “consiste em auxiliar os estudantes a tornarem-se parte integrante das comunidades de aprendizagem e de sua cultura”. Essa tarefa é complementada com a criação de situações relevantes para os estudantes.

[...] realizar tarefas significativas e resolver problemas significativos num ambiente que reflita seus próprios interesses pessoais, assim como os múltiplos propósitos nos quais seus conhecimentos serão inseridos no futuro. (COLLINS et al., apud WARSCHAUER, 2006, p.171)

Uma vez que os estudantes podem participar de várias redes ou comunidades ao mesmo tempo, no que Wellman (2001, apud MOTA, 2010) chama de individualismo em rede.

[...]os indivíduos não serem identificados como membros de um grupo único, antes podem alternar entre diversas

redes, o que lhes permite mobilizar recursos de uma rede para outra através das suas ligações. Saber como criar redes (online e off-line) torna-se um recurso humano fundamental, e ter uma rede de apoio torna-se um capital social de grande relevância. (MOTA, 2010. s/p.)

A segunda proposta de Warschauer (op.cit.) refere-se à pedagogia crítica de Paulo Freire (*Pedagogia do Oprimido*, de 1970) que, segundo o autor, tem muito a ver com as concepções do aprendizado localizado. Contudo, também salienta o papel dos alunos na definição dos seus próprios problemas e interesses, com base em suas necessidades e em problemas sociais enfrentados por suas famílias, comunidades, etc., e ainda no enfrentamento desses problemas por meio da inquirição coletiva, da crítica e da ação como parte do processo educacional.

O autor continua, dizendo que essa seria “uma maneira de o aluno enfrentar ou, ao menos, explicitar os problemas da reprodução social por meio da análise, da crítica e do desafio contra as estruturas de poder desiguais, como parte do seu processo de aprendizado escolar.” (op.cit.,p.171). Nesse caso, a escola poderia promover parcerias com outras instituições e comunidades, inclusive internacionais e talvez esse fosse um bom modelo para Educação a Distância também que, assim, deixaria de ser algo tratado à parte nas instituições escolares, oferecida como uma abordagem, um ramo de negócios ou uma possibilidade para os alunos que não têm tempo para ir à faculdade, ou que moram demasiadamente afastados dela e fizesse, finalmente, parte do cotidiano escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi especificado na introdução deste artigo, estamos dizendo que enquanto a escola reluta em introduzir as tecnologias atuais na mediação pedagógica, discute quem fica com a chave dos laboratórios de informática e se preocupa com o tempo que os jovens (e as crianças também!) “ficam no computador”, as conexões vão se fazendo, as comunidades de aprendizagem - formadas espontaneamente - vão se tornando cada vez mais importantes na distribuição e construção de conhecimentos e saberes. Observe-se

ainda que a utilização dos recursos da multimodalidade para as interações nas diversas redes sociais e a tendência à centralidade da imagem em relação ao texto verbal também se constituem em opções por modos de expressão não valorizados na maioria das escolas.

As reflexões neste artigo, sobre as inovações tecnológicas e seus impactos no cotidiano escolar, permitem referenciar que as relações de aprendizagem horizontalizadas são como uma escola fora da escola, e que a escola necessita inventar formas eloquentes de construção das sociabilidades, num contexto contemporâneo, incerto, cambiante, maleável, fluído, transbordante, fugaz e contraditório.

Há, inúmeros desafios e muitas questões que a crescente organização das pessoas em redes sociais na internet trazem à escola. Talvez isso ocorra por que a pedagogia anda furtivamente no rastro da tecnologia e a instituição escolar mais furtivamente ainda. Ou por que não há mesmo como a pedagogia acompanhar ou se anteciper à voracidade da criação tecnológica e a seus impactos em nossa vida e na educação. Enquanto tentamos entender os efeitos, as causas nos passam despercebidas, isso por que o tempo urge e a escola vive entre o não ainda e o já passou.

## **ABSTRACT**

This article argues, from a brief resumption of studies on social networks, that they have expanded the concept of educating city and non-formal learning in society network. Based on the ideas of Franco, Lemke, Warschauer, Recuero, and Freire, among others, we point out that school would have much to gain by seeking to include in their daily teaching some pedagogical practices and language use that would help students to become part of their learning communities and their culture.

*Key-words:* social network, counterculture, everyday school.

## **REFERÊNCIAS**

BARABÁSI, A. L., *Linked: The New Science of Networks*, Cambridge, MA, Perseus Publishing, 2002. 280 p

CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação: economia sociedade e Cultura*; V. 1. São Paulo. Paz e Terra, 1999. 698 p.

## Redes sociais e escola... *Eliete Jussara Nogueira et al*

FRANCO, A. Redes são ambientes de interação, não de participação.

Escola-de Redes, 24/4/2010. Disponível em:

< <http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/redes-sao-ambientes-de>>  
Acesso em 23/8/2010a.

\_\_\_\_ Buscadores e Polinizadores. Disponível em

<...<http://escoladeredes.ning.com/group/buscadorespolinizadores/forum/topics/buscadores-e-polinizadores>> Acesso em 26/8/2010b.

\_\_\_\_ Escola de Redes: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a Internet, a política e mundo globalizado. Curitiba: Escola-de-Redes, 2008. 260 p.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970. 184 p.

GOMES, L.F. Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco Editorial, 2010. 174 p.

ILLICH, I. Sociedade sem escolas. Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis,

Voices, 1970. 188p. (Educação e tempo presente, 10). Disponível em: < <http://livrosbpi.com>> Acesso em: 15-12-2009.

JENKINS, H. Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century. Disponível em < [http://digitallearning.macfound.org/att/ct/%7B7E45C7E0-A3E0-4B89-AC9C-E807E1B0AE4E%7D/JENKINS\\_WHITE\\_PAPER.PDF](http://digitallearning.macfound.org/att/ct/%7B7E45C7E0-A3E0-4B89-AC9C-E807E1B0AE4E%7D/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF)> Acesso em 25/3/2007>

LEMKE, J. Re-engineering Education in America. Disponível em < [http://www-personal.umich.edu/~jaylemke/papers/Re-engineering\\_Education.htm](http://www-personal.umich.edu/~jaylemke/papers/Re-engineering_Education.htm)> Acesso em 24/11/2010.

MOTA, J.C. Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: aprender na rede. Disponível em < <http://orfeu.org/weblearning20/>>. Acesso em 16/11/2010.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.

São Paulo: Loyola, 1998. 212 p.

RECUERO, R. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

SIEMENS, G. Uma breve história da aprendizagem em rede. Disponível em: <<http://twitdoc.com/local/augustodefranco/3w447fbw/Umabrevehistoriadaaprendizagememrede1Siemens.pdf>>, 2008. Acesso em 17/11/2010.

## Redes sociais e escola... *Eliete Jussara Nogueira et al*

\_\_\_\_ Uma teoria de aprendizagem para a Idade Digital. Disponível em: <<http://tatianemomartins.blogspot.com/2009/10/conectivismo-jorge-siemens.html>> Acesso em 12/12/2004.

VALENTIM, Marta. Como analisar redes sociais. Disponível em <<http://www.valentim.pro.br/Slides/Metodologia/ARS.ppt>> 2008. Acesso em 18/11/2010.

WARSCHAUER, M. Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. 319 p.

WATTS, D. Six Degrees: the science of a connected age. New York: W. W. Norton & Company, 2003. 368 p.

**Recebido em: fevereiro de 2012**

**Publicado em: março de 2012**